

III

AS LÁGRIMAS DE UMA MÃE

(Lc 7,11-17)

Uma mãe, por definição criadora de vida, é agora silenciosa testemunha de morte. O caso, decididamente trágico por uma série de circunstâncias desfavoráveis, não passa sem ser observado ao olhar solícito de Jesus. Ele intervém para fazer reflorescer uma vida jovem prematuramente decepada. O presente caso é um dos três das ressurreições realizadas por Jesus nas narrações evangélicas. Consideremos isso não tanto sob o aspecto de ressurreição, mas de preferência sob o aspecto da compaixão de Jesus para com uma mãe que, viúva, se vê sem o filho único.

O texto

¹¹Em seguida foi a uma cidade chamada Naim. Acompanhavam-no os seus discípulos e ao mesmo tempo uma grande multidão. ¹²Quando se aproximou da porta da cidade, deparou-se com um morto que era levado à sepultura. Era o filho único de uma mãe viúva. Muitos habitantes da cidade estavam com ela. ¹³Ao vê-la, o Senhor teve compaixão e lhe disse: “Não chores”. ¹⁴Chegou ao caixão, tocou-o e os carregadores pararam. Então disse: “Jovem, eu te digo, levanta-te”. ¹⁵O morto le-

vantou-se, assentou-se e começou a falar. E Jesus o restituiu à mãe.
¹⁶Todos ficaram cheios de temor e glorificavam a Deus, dizendo: “Um grande profeta apareceu entre nós e Deus visitou o seu povo”. ¹⁷A notícia desses fatos espalhou-se por toda a Judéia e por toda a região.

Contexto e dinâmica do trecho

O episódio que pertence com exclusividade a Lucas é precedido remotamente pelo sermão das Bem-aventuranças e de algumas máximas (6,20-49) e, logo depois, pela cura do servo do centurião (7,1-10). A respeito de seu imediato contexto, o nosso episódio mostra um “crescendo”: primeiramente se fala de cura, depois se fala da ressurreição; o primeiro a beneficiar-se da intervenção de Jesus é um servo, agora é um filho; primeiro o curado é restituído a seu patrão, um centurião, agora o ressuscitado é restituído à sua mãe, viúva.

O contexto seguinte relata a pergunta de João sobre o Messias e a relativa resposta de Jesus (7,18-23). Junto a essa resposta que inclui a referência aos mortos que ressuscitaram (cf. v. 22) encontra-se a explicação da inserção do episódio neste lugar.

Se agora queremos articular melhor o trecho, notemos as seguintes partes:

Introdução: indicação de lugar, circunstâncias, personagens (vv. 11-12).

Intervenção de Jesus: com palavras consoladoras à mãe: v. 13; com a palavra criadora ao morto: v. 14.

Resultado da intervenção de Jesus: o jovem ressuscita e é entregue à mãe: v. 15.

Conclusão: comentário dos presentes e difusão da notícia: vv. 16-17.

Breve comentário

Depois do sermão que manifestou algumas exigências do reino de Deus, Jesus retoma sua atividade missionária, acompanhado dos discípulos e de grande multidão. Sua presença desenvolverá a preciosa função de testemunhas oculares de tudo que agora vai sucedendo. Aproximam-se de uma cidade chamada Naim, propriamente um vilarejo porque tem só uma porta. Hoje em dia o nome está conservado em um pequeno centro, cerca de 10 quilômetros de Nazaré, em frente ao monte Tabor. Pode-se pensar que o milagre se realizou exatamente ali.

O grupo encontra-se com um enterro. Trata-se de um caso desesperador porque o defunto é um jovem, além do mais filho único. Como se a situação já não fosse complicada, acrescenta-se que a mãe era viúva. Aí todos os ingredientes para transformar esse caso desesperado em tragédia. O filho é único, “unigênito” como diz o texto grego. A indicação aumenta consideravelmente a intensidade da dor, com as sutis referências incluídas. A morte do filho único, além do mais primogênito, era considerada uma grave desgraça: “Farão luto como se faz luto por um filho único, o chorarão como se chora o primogênito” (Zc 12,10b). A situação agrava-se mais ao lembrar-se o estado de viuvez da mãe. Não raramente a viúva vivia em vulnerabilidade jurídica e em precária condição econômica. Por isso uma norma do código legislativo hebraico pretendia protegê-la e por isso prescrevia: “Não maltratarás a viúva e o órfão” (Êx 22,21); fazia-lhe eco o salmista que aclamava a Deus “Pai dos órfãos e defensor das viúvas” (Sl 68,6) e, de acréscimo, a pregação profética insistia: “Fazei justiça ao órfão e defendei a causa da viúva” (Is 1,17). Com a morte do filho, aquela viúva ficava sem o único sustento que tinha. A multidão numerosa que acompanha o enterro contribui para tornar a cena mais dramática ainda. Era tão importante tomar parte num enterro que os rabinos podiam interromper o estudo da lei para acompanhar o defunto

ao cemitério. Se isso valia sempre, com maior razão no presente caso.

Apresentando o enterro e o caso desesperador da mulher e também o condoer-se geral da população, são colocadas as premissas da intervenção milagrosa. O caso atinge até Jesus que, apenas ao ver a mulher, se move até ela e intervém sem que lhe fosse pedido. A coisa merece ser notada porque é muito raro que Jesus intervenha em favor de alguém sem um pedido explícito. A motivação está toda naquele verbo “teve compaixão”, que em alguns lugares é traduzido “comoveu-se” (cf. “teve compaixão” em 10,33 no caso do Bom Samaritano e em 15,20 no caso do Pai do filho pródigo). Lucas que chamara Jesus de Senhor (v. 13), título que exprime o poder de Deus, apresenta agora um Jesus que se comove. É a feliz combinação da divindade e da humanidade de Jesus. Jesus é “Senhor”, mas não obstante é capaz de aproximar-se de quem precisa para partilhar com ele a dor. Ainda mais surpreendente resulta esta intervenção, se se pensa que foi feita em favor de uma mulher, além do mais viúva.

Jesus vê a mulher e interessa-se por ela. Aproxima-se dela para lhe dizer “não chores”, ou melhor, como se exprime o original grego, “cessa de chorar”. Qualquer coisa está para acontecer. As lágrimas daquela mãe desesperada devem ter impressionado Jesus que não convida a mulher a ficar calma, a aceitar tudo das mãos de Deus para encontrar a paz. Ele preocupa-se antes em fazê-la compreender que Deus está presente e age. Das palavras passa à ação e aproxima-se do caixão, uma simples tábua sobre a qual estava colocado o cadáver. Jesus toca o esquife e supera com esse gesto o medo farisaico da contaminação; mostra-se um homem livre e o seu gesto parece recordar que a verdadeira contaminação provém de outra fonte, mais exatamente do coração, isto é, do interior do homem: “É de dentro, isto é, do coração do homem, que procedem as más intenções, as fornicções, os furtos, os homicídios, os adultérios...

Todas essas coisas más vêm de dentro e contaminam o homem” (Mc 7,21-22).

Seguem as palavras dirigidas ao morto que contêm a impetuosa força divina de Jesus: “Jovem, digo-te, levanta-te”. A ordem é peremptória e realiza subitamente o que diz. O jovem assenta-se, sinal de que não está mais morto, e sobretudo começa a falar. A linguagem é instrumento de comunicação, expressão de quem está vivo, e o jovem retoma aquele feixe de relações que a morte havia bruscamente interrompido.

Que a mãe, mais que o jovem, havia atraído a atenção de Jesus e o havia comovido, é posteriormente confirmado pela particularidade “ele o entregou à mãe”. Jesus em pessoa cuida de restituir o filho a essa mulher que vê milagrosa e inesperadamente reflorescer debaixo de seus olhos uma vida que considerava para sempre perdida.

A conclusão é uma celebração unânime do poder de Deus manifestado em Cristo. Para Lucas o milagre é um gesto da bondade de Jesus aos humildes, aos sofredores e, não por último, a uma mulher. Um tema tão prezado para Lucas, a atenção às mulheres, enriquece-se com este episódio com um novo e luminoso parágrafo. Deus, assim parece sussurrar à teologia de Lucas, não é, pois, distante, não é insensível a quem está em necessidade e a sua “visita” é sempre portadora de salvação, que se chama vida nova, tanto para o filho ressuscitado quanto para a mãe que o recebe como dom de Deus.

Do texto à vida

1. Jesus manifesta sua sensibilidade intervindo onde existe uma necessidade, sem ser explicitamente procurado. Sou capaz de gestos semelhantes que denotam total gratuidade? Lembro-me de um caso em que não dei atenção a um pedido de socorro, mas preveni-o com a percepção e a sensibilidade?

2. Jesus tem compaixão e exprime sua solidariedade à dor da mulher realizando o milagre. Como exprimimos a nossa participação e a nossa solidariedade? Se não podemos restituir a vida aos mortos, somos capazes de pronunciar palavras de conforto cristão a quem se encontra de luto pela perda de uma pessoa querida? Podemos falar de autêntica solidariedade cristã?
3. Conheço situações familiares trágicas ou desesperadas? Pensei e tentei algumas soluções, ou passivamente me resignei a considerar-me incapaz diante dos problemas?
4. Concretamente, que significa para mim “ter compaixão”? Resta um estéril sentimento, ou antes tem a concretude de uma intervenção concreta? Qual a experiência que posso sugerir neste ponto a alguns amigos?

IV

PROMOÇÃO À IGUALDADE

(Lc 10,38-42)

No presente trecho Jesus é apresentado com duas mulheres. É um caso estranho, quase uma exceção, sem presença masculina a não ser a de Jesus. Lucas, apresentando-nos esse pequeno quadro, pretende sublinhar a dignidade da mulher que, em nada inferior ao homem, está generosamente disponível a deixar de lado atividades importantes, mas não determinantes, para se dedicar em tempo integral àquilo que vale mais.

O texto

³⁸Enquanto estavam a caminho, Jesus entrou em uma aldeia e uma mulher chamada Marta o acolheu em sua casa. ³⁹Sua irmã, de nome Maria, assentou-se aos pés do Senhor e escutava suas palavras. ⁴⁰Marta, ao contrário, estava absorvida na lida da casa e veio ter com Jesus e lhe disse: “Não te importa, Senhor, que minha irmã me deixe sozinha no serviço? Dize-lhe para me ajudar”. ⁴¹Mas Jesus lhe respondeu: “Marta, Marta, tu te cansas e te preocupas com muitas coisas. ⁴²Contudo uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte que não lhe será tirada”.

Contexto e dinâmica do trecho

Lido isoladamente, o trecho coloca em cena duas mulheres que Jesus encontra. Aqui, como em tantos outros casos, é importante observar o contexto, porque em uma visão unitária o nosso texto assume mais significação. Examinando o complexo de 10,25-42, notamos que este está construído com uma estrutura em quiasmo do tipo A.B.B.A.: no início a questão se põe a partir do amor a Deus (A), depois passa ao amor do próximo (B); segue a parábola do Bom Samaritano para ilustrar o amor ao próximo (B) e finalmente retorna ao tema inicial apresentando com Marta e Maria o amor a Deus (A). O trecho de Marta e Maria é depois lido e compreendido à luz desse dinamismo que alterna amor a Deus e amor ao próximo, recordando que são duas manifestações indispensáveis da mesma realidade. Em nosso caso é privilegiada uma mulher que compreende a importância do amor a Deus, sem obviamente descuidar o amor ao próximo.

Encontramos uma articulação simples e essencial, com uma primeira parte descritiva (vv. 38-40) e uma segunda dialógica (vv. 40b-42).

Marta acolhe Jesus: v. 38.

Maria escuta Jesus: v. 39.

Marta toda atarefada: v. 40a.

Marta pede a Jesus para interferir para que Maria seja chamada a trabalhar: v. 40b.

Jesus responde compreendendo Marta, mas defendendo Maria: vv. 41-42.

Breve comentário

O trecho pertence somente a Lucas, embora nos é dado encontrar preciosas referências e confirmações em Jo 11. A não

indicada aldeia é Betânia. A história toda brilha num jogo de contrastes: Maria e Marta, escutar e servir, sentar-se e andar, um e muitos...

Lucas apresenta tudo como uma cena de hospitalidade: os atores principais são mencionados (Jesus, Marta e Maria), enquanto os outros permanecem anônimos. De Maria e Marta costuma-se dizer que representam dois tipos de vida: Marta simboliza a vida ativa e Maria a vida contemplativa. Não se pode negar esta afirmação, mas se pode dizer mais.

Acolhendo o convite de uma mulher para ir à sua casa, Jesus estava contrariando as normas seguidas por um bom rabino. Mais grave ainda, para a mentalidade machista dominante daquele tempo era uma infração querer ensinar às mulheres. De fato se diz que a irmã de Marta, Maria, “assentada aos pés de Jesus, escutava sua palavra”. Ensinar às mulheres — observavam os rabinos — era tempo perdido — porque não estão em condições de entender. Tal mentalidade foi codificada em sentenças como estas: “Queimem-se as palavras da Torá, mas não sejam comunicadas a uma mulher” (Sota 19a); “Quem ensina a sua filha a Torá, ensina-lhe a devassidão” (Sota 3,4). O comportamento de Jesus aparece com muita evidência e é inexplicavelmente estranho.

Maria apresenta-se como uma mulher corajosa e mesmo audaz. Ela pretende assumir um papel, o da escuta, que diz respeito somente aos homens. A intervenção de Marta exprime a mentalidade habitual das mulheres. Para ela existiam certos ambientes, bastante restritos, dos quais era proibido sair. Marta reclama que sua irmã volte a seus deveres de “mulher”: preparar, limpar, cozinhar..., resumidos em termos mais complexos de “muitos serviços” (v. 40).

Às advertências de Marta, Jesus responde aprovando seu trabalho, porém mais ainda o de sua irmã. Diz que Maria escolheu a “melhor parte”, reconhecendo implicitamente que a de Marta é “boa”, todavia ainda não suficiente. Há situações na